

## AValiação Espaço Temporal da Ocorrência de HIV/AIDS no Rio Grande do Sul no Período de 2018 a 2022

VITOR SOUZA PADILHA<sup>1,4</sup>, RITA POLES MAROSO<sup>2</sup>, RENATA DOS SANTOS  
RABELLO BERNARDO<sup>3,4</sup>

### 1 Introdução

O vírus da imunodeficiência humana, conhecido como HIV, causa a infecção denominada Aids (Síndrome da imunodeficiência adquirida). O vírus da HIV é transmitido por meio de relações sexuais ocasionadas sem proteção entre um indivíduo infectado e outro. Porém, esse não é o único meio pelo qual o vírus pode-se propagar, outros meios de transmissão se dão pelo compartilhamento de seringas contaminadas e de mãe para filho durante a gravidez e a amamentação, quando as devidas medidas de proteção não são adotadas (Ministério da Saúde, 2018). A infecção pelo HIV ainda persiste como um problema de saúde pública no país. Se compararmos os anos de 2020 e 2022, os números de casos provenientes do HIV aumentaram 17,2% no Brasil. No Rio Grande do Sul, esse aumento neste período foi de 3%, passando de 2.836 casos notificados para 2.920. A grave situação epidemiológica é sustentada por profundas desigualdades sociais e pela permanência de estigmas e preconceitos sobre o HIV/Aids (Ministério da Saúde, 2019).

### 2 Objetivos

Analisar a distribuição espacial e temporal dos casos de HIV no Estado do Rio Grande do Sul no período de 2018 a 2022, e descrever a caracterização sociodemográfica dos casos.

### 3 Metodologia

Trata-se de um estudo observacional, do tipo ecológico descritivo, de caráter exploratório, com abordagem quantitativa de dados secundários, realizado entre setembro de 2023 a agosto de 2024. A população do estudo foram os casos notificados de HIV no Estado do Rio Grande do Sul, divulgados e disponíveis no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Para o período de 2018 a 2022, os dados foram coletados diretamente no SINAN por meio de acesso ao site do Departamento de Informática do SUS – DATASUS <http://datasus.saude.gov.br/>. Para o cálculo dos coeficientes de incidência, a população do

1Estudante ensino médio, Escola Estadual de Ensino Médio Maria Dolores Freitas Barros, contato: vitorsouzabaka123@gmail.com

2Docente colaboradora, Escola Estadual de Ensino Médio Maria Dolores Freitas Barros. Coorientadora.

3 Doutora, Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Passo Fundo/RS, **Orientador(a)**.

4 Grupo de Pesquisa: Inovação em Saúde Coletiva: políticas, saberes e práticas de promoção da saúde

estudo foi composta pelos casos notificados como casos novos no SINAN no Estado do Rio Grande do Sul, no período e as estimativas populacionais para cada ano do estudo extraídas da fonte de dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram calculadas as frequências absolutas e relativas das variáveis demográficas (sexo, raça/cor, faixa etária e escolaridade), utilizando planilhas eletrônicas. Este estudo coletou e analisou dados secundários de acesso público, dispensando-se, portanto, a apreciação ética (Resolução 510/2016).

#### **4 Resultados e Discussão**

Foram notificados, no período estudado, 14.529 casos de HIV no Rio Grande do Sul. O ano de 2019 concentrou o maior número de casos (3.269), seguido do ano de 2018 (3.206). Observou-se uma redução nos casos notificados no período, com o ano de 2022 alcançando 2753 casos. Os municípios mais acometidos foram Porto Alegre (3181), Pelotas (547) e Canoas (453). Ao observar a incidência da doença no período aponta-se os municípios mais afetados, levando em consideração o tamanho populacional. Destaca-se os municípios de Lajeado com 241,3 casos por 100.000 habitantes, Porto Alegre (238,7 casos por 100.000 habitantes) e Pelotas com 167,9 casos por 100.000 habitantes. Observou-se também uma redução da incidência do HIV ao longo do período estudado. A média da incidência no período alcançou 128,7 casos por 100.000 habitantes. Os resultados encontrados estão em consonância com a literatura, Pinto Neto et al, 2021, reforça que a epidemia de HIV/Aids no Brasil é considerada estável em nível nacional e a prevalência de HIV na população em geral é de 0,4% (Brasil, 2019). Segundo dados do Ministério da Saúde, em 2018 foram diagnosticados 43.941 novos casos de HIV e 37.161 casos de Aids no Brasil, com uma taxa de detecção de 17,8/100.000 habitantes. Desde o ano de 2012, observa-se uma diminuição da taxa de detecção de Aids no Brasil, que passou de 21,4/100.000 habitantes (2012) para 17,8/100.000 habitantes em 2018, configurando um decréscimo de 16,8%. Essa redução da taxa de detecção tem sido mais acentuada desde a recomendação de tratamento para todos os casos, independentemente dos níveis de LT-CD4+, implementada em dezembro de 2013 (Ministério da Saúde, 2019). A respeito da caracterização dos casos notificados de HIV no Rio Grande do Sul, no período de 2018 a 2022, a tabela 1 apresenta os dados descritivos. Observa-se que o perfil predominante são de indivíduos do sexo masculino (60,6%), etnia branca (70%), com 35 a 49 anos (39%) e ensino fundamental incompleto (37,6%).

**Tabela 1.** Características sociodemográficas dos casos notificados de HIV no Rio Grande do Sul no período de 2018 a 2022. (n=14.547)

Variáveis	N (%)
<b>Sexo</b>	
Masculino	8.819 (60,6)
Feminino	5.728 (39,4)
<b>Raça/cor (n= 8.087)</b>	
Branca	5.662 (70)
Preta	1.320 (16,3)
Amarela	56 (0,7)
Parda	1.036 (12,8)
Indígena	13 (0,2)
<b>Faixa etária (n=14.546)</b>	
0-9 anos	133 (0,9)
10-19 anos	204 (1,6)
20-34 anos	4.565 (31,2)
35-49 anos	5.679 (39)
50-64 anos	3.214 (22,1)
>65 anos	751 (5,2)
<b>Escolaridade (n=5.562)</b>	
Analfabeto	67 (1,2)
Ensino fundamental incompleto	2.091 (37,6)
Ensino fundamental completo	1.314 (23,6)
Ensino médio completo	1.531 (27,5)
Ensino superior completo	505 (9,1)
Não se aplica	54 (1)

Fonte: Datasus

De acordo com Knauth et al., 2020, os homens são o principal grupo afetado pela infecção do HIV no Brasil, com tendência de crescimento nos últimos dez anos. De acordo com o Boletim Epidemiológico HIV/Aids de 2018, eles representam 65,5% dos casos de Aids registrados de 1980 a junho de 2018 (Ministério da Saúde, 2018). Em relação a população masculina o preconceito associado ao preservativo, o uso de medicamentos que prolonguem a ereção e a necessidade de afirmar sua masculinidade são achados que justificam este resultado (Maschio et al., 2011; Garcia, 2012). No que diz respeito aos achados sobre etnia, os resultados são compatíveis com a literatura, pois a composição étnica do estado, de acordo com o Censo Demográfico do Brasil de 2022, apontam que 78,4 % dos gaúchos se autodeclararam brancos (IBGE, 2024). Dados extraídos do boletim epidemiológico de HIV/Aids do Ministério da Saúde destacam que os jovens são o grupo etário mais acometido pela doença. No boletim, observa-se que dos casos registrados entre 2007 e 2021, 52,9% foram entre jovens de 20 a 34 anos (Ministério da Saúde, 2023). O aumento do número de casos diagnosticados de HIV/Aids em idosos também tem sido descrito na literatura, Castro et al 2020 no período de 2007 a 2016, verificou em Minas Gerais um aumento da taxa de incidência de HIV/Aids em todas as faixas etárias. Este aumento pode ser atribuído a condição econômica desfavorável,

baixa percepção do risco de adquirir a infecção, prática sexual desprotegida e a falta de informação sobre a doença (Santos et al, 2018; Santana et al, 2021). A infecção pelo HIV em pessoas com idade avançada (superior a 30 anos), e com baixa formação escolar pode ser reflexo da falta de informação e de ações em saúde nas escolas na época em que essa população estudou. Fruto disso é o início mais precoce da atividade sexual, maior número de parceiros sexuais e carência de acesso às medidas preventivas. Referente ao nível educacional, o presente estudo verificou uma elevada proporção de infectados com baixa escolaridade. Estes dados concordam com a literatura nacional, que mostra padrões de acometimento relacionados com a falta de conhecimento e educação (Jesus et al., 2016; Ministério da Saúde, 2019)

## 5 Conclusão

Em um país marcado pelas diferenças sociais, o risco crescente de infecção em pessoas pertencentes às frações populacionais menos favorecidas, lança novos desafios à sociedade e aos profissionais de saúde que almejam pelo controle da doença. É relevante o desenvolvimento de serviços de saúde sexual que possam fornecer a toda população, preservativos e orientações sobre ISTs, bem como atendimento, testes frequentes, antirretrovirais pré (PREP) e pós-exposição (PEP), tratamento e seguimento dos pacientes. Os resultados deste estudo reiteram que o HIV é um problema real e atual que precisa ser combatido, e por meio do conhecimento, dos cuidados e prevenções, almeja-se em um futuro próximo uma realidade onde os casos sejam ainda mais escassos. Os resultados obtidos são extremamente valiosos para a gestão da Rede de Saúde, contribuindo de maneira significativa para o planejamento estratégico e a identificação de áreas que exigem ações prioritárias.

## Referências Bibliográficas

Castro SS, Scatena LM, Miranzi A, Miranzi Neto A, Nunes AA. Tendência temporal dos casos de HIV/Aids no estado de Minas Gerais, 2007 a 2016. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 2020;29.

Garcia G. Vulnerabilidade dos idosos frente ao HiV/Aids: tendências da Produção científica atual no brasil. *J Bras Doenças Sex Transm* [Internet]. 2012;24(3):183–8. Available from: [http://www.dst.uff.br/revista24-3-2012/7-Vulnerabilidade\\_idosos\\_Aids.pdf](http://www.dst.uff.br/revista24-3-2012/7-Vulnerabilidade_idosos_Aids.pdf)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2024

Jesus ML de, Alves CGB, Castro AC, Rodrigues ILS, Teixeira DS, Brito M, et al. Relato de experiência do PET-saúde: reflexões sobre práticas sexuais protegidas e nível de escolaridade. *REVASF*. 2016; 6(10): 125-146.

Knauth DR, Hentges B, Macedo JL, Pilecco FB, Teixeira LB, Leal AF. O diagnóstico do HIV/Aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. *Cadernos de Saúde Pública* 2020; 36(6):e00170118 doi: 10.1590/0102-311x00170118

Maschio MBM, Balbino AP, Souza PFR De, Kalinke LP. Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e Aids. *Rev Gaúcha Enferm*. 2011;32(3):583–9. 7.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Relatório de monitoramento clínico do HIV [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2019.

Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2018; 49(53). <http://www.Aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivAids-2018>.

Pinto Neto, LFS et al . Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo HIV em adolescentes e adultos. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília , v. 30, n. esp1, e2020588, 2021 .

Santana AZR, Reiners AAO, Azevedo RC de S, Silva JDP da, Andrade AC de S, Mendes PA. Tendência temporal da incidência da Aids em pessoas com 50 anos ou mais no Brasil. *Rev Enferm da UFSM*. 2021;11:e59

Santos MC de F, Nóbrega MML da, Silva AO, Bittencourt GKGD. Diagnósticos de enfermagem para mulheres idosas com vulnerabilidade ao HIV / Aids. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2018;71(supl 3):1518–28.

**Palavras-chave: HIV, saúde pública, epidemiologia**

**Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2023 - 0430**

**Financiamento - EDITAL Nº 74/GR/UFGS/2023: PIBIC-EM CNPq**